

Balanço positivo

O governo Fernando Henrique Cardoso completou ontem o seu primeiro mês de poder e já alguns apressadinhos correm para fazer balanços ou cobrar resultados como se fosse o primeiro ano de administração do País. E não faltam, também, os pesquisadores de plantão para medirem a maior ou menor satisfação da opinião pública com os primeiros 30 dias de iniciativas e medidas adotadas pelo Executivo Federal.

Decididamente, o bom senso não anda em sua melhor fase nos dias de hoje. A título de pobre consolo, pode-se argumentar que também fora das fronteiras do País o espetáculo de serenidade não é dos mais animadores — haja vista para a insanidade de atentados recentes em Israel, a brutalidade contra a Chechênia e a troca de tiros entre peruanos e equatorianos.

É necessário, entretanto, tentar restabelecer-se o império da razão. Um mês é muito pouco tempo para se cobrar resultados de uma nova administração, seja a de FHC ou de qualquer outro presidente da República. O Brasil, que demonstra ansiedade de chegar ao chamado primeiro mundo, ou grupo seletivo de nações desenvolvidas, não pode esquecer que, naqueles países, costuma-se dar um crédito de confiança a uma nova administração que se instala. Nos regimes parlamentaristas esse voto é público e concreto, em forma de moção de confiança do Parlamento — e da própria opinião pública. Nos EUA, a grande imprensa costuma respeitar um período de trégua nunca inferior a dois ou três meses.

Não há governo desde a proclamação da República que resista a um balanço entusiástico de seus primeiros 30 dias de poder. O de Juscelino Kubitschek em 1956, por exemplo, causou impacto positivo porque sacudia a administração com um ritmo novo, nunca visto antes, devido à sua pressa de gerar os “50 anos de progresso em cinco de governo”, conforme previa o famoso Plano de Metas. Mas é um caso original, sem comparações, pelo simples fato de que nunca mais haverá uma separação tão grande de épocas como a de antes e depois de JK, no sentido da ruptura com velhos méto-

dos de administração e atualização do Brasil aos novos tempos.

Os primeiros 30 dias de Collor só tiveram um assunto — o traumático confisco da poupança popular, fato inédito em todo o mundo e que, sinceramente, o Brasil espera que nunca mais se repita.

A transição de Itamar Franco para FHC, contudo, processou-se numa normalidade raras vezes vista no País e ninguém desejava e nem esperava por nada de espetacular nesse primeiro mês de governo, como de fato nada extraordinário ocorreu. Não há, portanto, nada para ser cobrado com tanta veemência pelos setores ávidos de sensacionalismo. E nem o governo FHC, recém-instalado, pode carregar, por osme-se, o peso dos erros cometidos pelo Congresso recém-falecido.

Não há dúvida, por outro lado, que os homens erram. E que os governos, constituídos de homens, erram da mesma forma — seja em um mês, seja em um ano. Mas até aí não há qualquer novidade. Isso já é do conhecimento geral e faz parte da condição humana. Mais uma razão, portanto, para que os eventuais erros cometidos no primeiro mês de governo FHC não venham a ser enxergados com lentes de aumento, supervalorizados e falsamente tomados como avaliação final de um governo que mal principiou.

O Governo terá tempo suficiente para mostrar a que veio — e haverá tempo para cobranças com seriedade e serenidade. Antes disso, qualquer “balanço” de um ou dois meses não passa de exercício de oposição sistemática e, nesse caso, inconsistente. O importante mesmo é que, muito acima de qualquer erro ou inação administrativa, os primeiros 30 dias de FHC no poder provaram a sua firme determinação de levar adiante a essência do seu programa reformista da sociedade brasileira, que passa pela reforma constitucional, pelo diálogo franco e aberto com os partidos, inclusive da oposição, e com o respeito escrupuloso a todas as regras e costumes do regime democrático. O resto não conta.